

*Remapear
as*

CURADORIA
VÍTOR NIEVES

margens:

FRANCISCO ASCENSÃO
BEATRIZ CHAVES
JOANA DIONÍSIO
FRANCESCA FAULIN
PEDRO MALHEIRO
MARIA JOÃO SALGADO
SANDRA TEIXEIRA
CARLOS TRANCOSO
SANDRA VALLE

*hipsografia
do centro*

ARTISTAS DO MASTER EM FOTOGRAFIA ARTÍSTICA
DO INSTITUTO DE PRODUÇÃO CULTURAL E IMAGEM



f/est
AMARANTE

27.05 – 03.07.2022

FÁBRICA DO MATIAS AMARANTE

O Instituto de Produção Cultural e Imagem, a convite do **f/est Amarante**, apresenta nesta segunda edição do festival de fotografia, que acontece sob o tema «**Refotografar**», uma grande exposição em que se mostra um conjunto de projectos artísticos, a maior parte deles inéditos. Nove artistas com dois denominadores comuns: todas e todos elas têm trabalhos abordados desde uma perspectiva pessoal e/ou política, e todos/as acabaram recentemente a formação superior em fotografia no IPCI.

Quando nos anos noventa se prognostica a morte da fotografia por parte de pensadores como Robins, Manovich ou Mitchell, ainda faltava muito tempo para vermos as mudanças nas gramáticas e conceitos, nas formas e nos fundos do meio, mas tudo indicava que haveria um novo paradigma que nos levaria a um exercício colectivo para **repensarmos** a fotografia. Começa devagar um período sem paralelo, porventura o mais importante da história da fotografia, no qual autores e autoras de todo o mundo iriam **reagir** perante o academismo estabelecido e, em consequência, **reflectir** para **recomeçar** os caminhos da imagem que estavam quase esgotados, para se distanciarem da ideia de captura e acumulação e se aprofundarem no conceito. **Reutilizar** imagens feitas e **refotografar** será, desde então, uma constante para **resignificar** a nossa visão e estada aqui.

No percurso pela antiga Fábrica do Matias criam-se através das diferentes propostas dos e das artistas, trânsitos entre o **pessoal** e o **político**, dificultando a distinção entre o que é estritamente um ou exclusivamente o outro. Isto lembra-nos a conhecida palavra de ordem «**o pessoal é político**», frase que se popularizou a partir do ano 70 depois da publicação do ensaio «*The Personal Is Political*», de Carol Hanisch, que, igual ao que acontece nesta exposição, procura destacar as conexões entre a experiência pessoal e as grandes estruturas sociais e políticas.

Este processo de reconhecer como social e sistémico o que anteriormente era percebido como algo isolado e individual caracterizou a política da identidade dos afro-americanos, os primeiros passos do feminismo e a liberação e visibilização das identidades divergentes até então minorizadas. Contudo, foi o pensamento que marcou os diferentes activismos que foram mudando o mundo actual desde o s. XIX, como observa a académica americana Kimberlé Williams Crenshaw, em «*Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*», publicado em 1991, livro em que se inspira o título desta exposição.

A ideia de ligar o pessoal ao político implica uma abertura dos assuntos privados ou sociais à discussão e à análise pública – e portanto política – e uma explicação da natureza sistemática da opressão dos grupos minorizados a quem se lhes negou deliberadamente a voz. Como diz a própria Carol Hanisch sobre os grupos de mulheres com os quais trabalhava, «... *uma das primeiras coisas que descobrimos nestes grupos é que os problemas pessoais são problemas políticos. Não há soluções pessoais neste momento. Só há acção colectiva para uma solução colectiva*».

Neste contexto, a economista Heidi Hartmann assegura que as diversidades (corpos e identidades divergentes) perpetuam cronicamente «*um descontentamento que não é o lamento neurótico desinadaptadas, senão uma resposta a uma estrutura social na qual são sistematicamente dominadas, exploradas e oprimidas*».

Esta exposição persegue, além do diálogo, as arestas da relação entre a imagem e o momento actual político-emocional, a compreensão do individual extensivo ao universal, ao mesmo tempo que procura contribuir para uma reflexão sobre o presente: ver o *eu poético* das e dos artistas extrapolando ao *eu próprio*, e nessa medida, o *nós colectivo*.

O primeiro e o último que vemos na improvisada Sala de Exposições da antiga Fábrica do Matias, são dois projectos com uma marcada linguagem documental, mas construídos desde o mais profundo intimismo. Os dois trabalhos desfolham estados emocionais das próprias autoras que, ainda que embrulhados num imaginário pessoal, conseguem ultrapassar a narrativa unívoca do *eu* para falar da universalidade dos sentimentos, o que é comum a toda a humanidade, aquilo que nos une e que mexe connosco de forma transversal, da corporalidade individual à massa colectiva. O amor, a pertença, a dor, o desamor e o luto são temas comuns às obras de Maria João Salgado e Joana Dionísio, abordados desde diferentes posicionamentos e com duas versões diferentes do amar, algo tão pessoal. Tão político.

Na mesma categoria da arte empoderadora e terapêutica está o trabalho de Francesca Faulin que traz ao centro da Sala um trabalho em múltiplas camadas interconectadas para lá das linhas temporais e dos espaços. Uma narrativa circular que apresenta várias mulheres que são uma, uma família que parece não o ser, diversas épocas num tempo único (que só distinguimos pela qualidade fotográfica), e uma história que se repete geração após geração. Um compêndio de imagens feitas ao longo de um século que se unem hoje numa constelação imaginária para revelar não só os cânones familiares mas também os arquétipos e padrões que afectam a mulher (os corpos que se visibilizam como mulher) na nossa sociedade.

Outro trabalho que se serve de fotografias históricas é o de Pedro Malheiro, que nos faz questionar mais uma vez o conceito de autoria, um debate já clássico e tão politicamente emaranhado na fotografia. O autor resgata um arquivo do ostracismo para desconstruí-lo e explorar novas narrativas mudando significado e significante ao mesmo tempo que desloca os documentos familiares do campo fotográfico ou vernacular ao artístico. Contudo, através de um álbum pessoal (familiar) a que tem acesso, Malheiro propõe uma reflexão política subjacente que tem que ver com a questão da classe (social) e como a fotografia, hoje democratizada e banal, foi símbolo das mais poderosas.

Os dois projectos que marcam a metade dos percursos à direita e à esquerda, servem nesta senda expositiva como uma âncora entre esses dois mundos (o pessoal e o político) que costumam apresentar-se como antagónicos mas que, chegados a este ponto, já não somos capazes de discernir. Defronte um ao outro, os ensaios de Beatriz Chaves e de Sandra Teixeira, trabalham com o que é aparentemente quotidiano, uma piscadela aos movimentos artísticos de começos do s. XX que, com frequência, se aproximaram ao *objet trouvé*.

Por um lado, Chaves trabalha com o corpo e a comida, dois tópicos ao serviço de qualquer um/a, mas que cumprem aqui uma função que analisa questões identitárias e a relação que estabelece quem fotografa com a alimentação, e consequentemente, a relação que estabelecemos com a comida além dos fins estritamente nutricionais.

Pelo outro, Sandra Teixeira, exploradora de matérias e materiais, apresenta num *só corpus* a captura e a documentação do tempo entretido com o processo de deterioro do orgânico, evocando o *tempus edax rerum* de Ovidio (Metamorfosis, XV, 234), uma ideia à volta da fugacidade do tempo e da transcendência do que nos rodeia (e de nós próprios) que muitos artistas contemporâneos trazem do barroco aos tempos actuais e convulsos.

De formas límpidas e linguagem documental encontramos mais um trabalho centrado na matéria e de como esta influencia as pessoas de forma individual e colectiva. Francisco Ascensão foca-se na pedra, não como sujeito fotografável, mas sim como ideia omnipresente numa cidade condicionada pelas durezas e que contorna a identidade de quem nela mora.

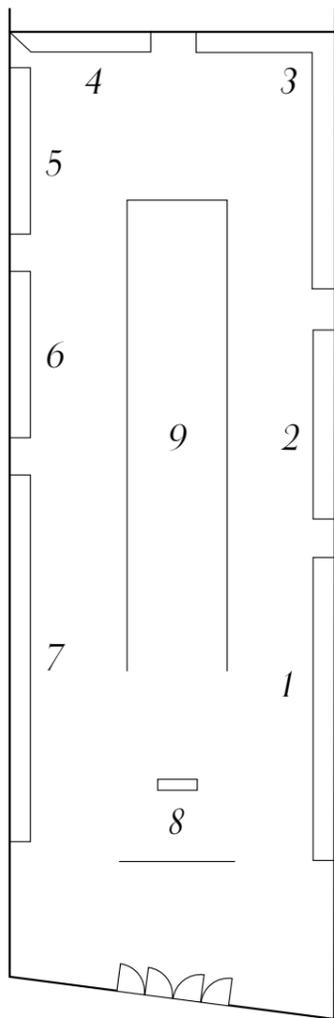
Ao fundo da Sala encontramos o que porventura são os projectos com uma intencionalidade política clara, mas também os que definem de forma inequívoca os percursos individuais e, portanto, pessoais das suas autoras/es. Mais uma vez frente a frente, situamos dois trabalhos com formas comuns. Um e outro plantelam mundos oníricos e futuristas, aproximações ao que imaginamos como um possível pós-presente mas com certos ares iconoclastas e apocalípticos.

Sandra Valle cria formosas *landscapes* de cidades futuras nas quais, com certeza, a vigilância vai-se sobrepondo a qualquer questão humana e mundana. A autora tem vindo a actualizar o seu projecto após a proibição das liberdades impostas pelos estados nos últimos dois anos, o que a fez aprofundar-se na ideia do controlo, as mudanças e a rápida adaptação que gerou já uma espécie de pós-humano, mais submetido, mais dominado e mais fiscalizado.

Centrado nas *personas*, Carlos Trancoso bombardeia o conceito-génese de fotografia num trabalho em que põe à prova a capacidade comunicativa dos novos meios do mundo digital. Partindo da ideia platónica comum à fotografia e à internet (na primeira acreditamos em que o que se fotografa existe e a segunda nem a vemos mas aceitamos a sua existência) apresenta-nos em diversos suportes e dispositivos uma série de retratos a metade de caminho entre o fotográfico e o pós-humano supra referido.

Em suma, esta experiência expositiva leva-nos a um **reposicionamento** no que, através dos discursos individuais que **remapeiam as margens**, chegamos a um discurso global que reequilibra e **hipsografa um novo centro**.

VÍTOR NIEVES
Curador da Exposição



1

MARIA JOÃO SALGADO

Braga, 1992

Estudou fotografia no Instituto Português de Fotografia (IPF) e especializou-se no Instituto de Produção Cultural e Imagem (IPCI) com o Master de Fotografia Artística.

Desde 2015 desenvolve projectos baseados na linguagem documental, principalmente sobre direitos humanos e comunidades oprimidas. Actualmente está centrada num trabalho mais intimista com diferentes abordagens onde questiona histórias pessoais recriando recordações e vivências do passado para transitar melhor no presente.

2

BEATRIZ CHAVES

Porto, 1999

Licenciada em Teorias da Comunicação Audiovisual, na Escola Superior de Media Artes e Design em 2020, realizou também um semestre no âmbito do programa Erasmus, na Krzysztof Kiesłowski Film School, em Katowice, Polónia. Recentemente frequentou o Master em Fotografia Artística no IPCI.

Participou em várias exposições na cidade do Porto organizadas pelo colectivo Espaço399.

O seu trabalho desenvolve-se através de vários processos, como vídeo e fotografia, explorando o espectro entre eles. Algo constantemente presente no seu trabalho é a exploração da textura através do íntimo e o sensorial.

3

SANDRA VALLE

Lisboa, 1977

Estudou Design Industrial na IADE, e Arquitectura no IST, em Lisboa. Posteriormente fez a pós-graduação em Discursos da Fotografia Contemporânea na FBAUL e o Master em Fotografia Artística no IPCI.

Na sua prática artística a influência da arquitectura é um elemento preponderante, quer no retrato das paisagens urbanas como na criação de modelos que as simulam, numa procura que deambula entre questões como a identidade, o lugar e o não-lugar, a luz e a sombra, o vazio e o tempo.

4

FRANCISCO ASCENSÃO

Porto, 1991

Estudou na Oslo School of Architecture (AHO) e é arquitecto pela FAUP (2015), tendo sido distinguido com o prémio Sílvia Viana de Lima. Em 2021, concluiu o Master em Fotografia Artística no IPCI (Porto). Entre 2012 e 2013, foi director do clube de fotografia AEFAUP e em 2013, foi co-editor da revista «Dédalo». Colaborou com os escritórios de arquitectura Correia Ragazzi (2014), no de Vylder Vinck Taillieu (2014-2016) e colabora, desde 2016, com o arquitecto Nuno Brandão Costa. Desenvolve, em paralelo, projectos de arquitectura da sua autoria. Em 2017 criou com Luca Bosco o projecto fotográfico «Atlante». Nesse âmbito, fotografou para o livro «Porto Brutalista», editado pela Circo de Ideias em 2019.

O seu trabalho fotográfico debruça-se sobre o território, a cidade e a arquitectura, questionando a nossa condição enquanto utilizadores e construtores de uma identidade urbana e social.

5

CARLOS TRANCOSO

Bragança, 1989

Utiliza o olhar fotográfico numa perspectiva crítica sobre a relação entre o ser humano e a tecnologia. O seu trabalho visa desafiar padrões estabelecidos de interacção e criação de imagens na sociedade contemporânea. Embora utilize principalmente abordagens ficcionais, o seu trabalho inspira-se na linguagem da fotografia documental, criando imagens sem câmara, técnicas mistas e imagens geradas por computador.

Recentemente expôs em festivais como Photoalicante em Espanha, Backlight na Finlândia e na Bienal da Maia em Portugal.

6

SANDRA TEIXEIRA

Guimarães, 1993

Em 2018 concluiu o mestrado em Comunicação Audiovisual (Fotografia Documental) na ESMAD. Colaborou com o grupo de investigação CCRE (FAUP) onde trabalhou com a Scopio Editions na área da Fotografia de Paisagem e Território.

Continua numa formação constante em cursos como Gabinete de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos e Ilustração, Impressão, Publicação (FBAUP). E em 2021 concluiu o Master em Fotografia Artística no IPCI.

Participou em residências artísticas e em exposições individuais e colectivas.

A sua obra é o resultado de um fascínio pela natureza com práticas mais sustentáveis baseadas em pesquisas em suportes e materiais descartáveis e novos métodos de afixação de imagem.

7

JOANA DIONÍSIO

Porto, 1993

Licenciada em Design de Produto pela ESAD em 2014 e em Tecnologias da Comunicação Audiovisual pela ESMAD em 2017. Em 2021 concluiu o Master em Fotografia Artística no IPCI. Já expôs o seu trabalho nos Encontros da Imagem, no CPF, no Palácio das Artes, na Bienal de Cerveira, na Galeria Municipal Vieira da Silva, na PB27 Gallery, entre outros. O seu vídeo «Lady Perfection» foi nomeado na categoria de Melhor Realizadora de filmes de autor no Porto Fashion Film Festival. Recentemente foi finalista no Concurso da Bienal Jovem de Loures e foi seleccionada na convocatória integrada no ciclo Encontros do Olhar no IPF.

O seu trabalho é caracterizado por uma forte vertente autobiográfica que explora temas como a identidade, o arquivo e a memória, reflectindo sobre a forma como o ser humano se relaciona consigo e com o mundo.

8

PEDRO MALHEIRO

Matosinhos, 1972

Residente no Porto, onde se licenciou em Gestão de Empresas. Paralelamente, desenvolveu um interesse pela criação de imagens, tendo iniciado uma prática fotográfica complementada com aulas de pintura e desenho. Em 2015 decidiu começar a estudar Fotografia no IPF (Porto) e em 2019 concluiu o Master em Fotografia Artística no IPCI, também no Porto.

Foi distinguido com uma Menção Honrosa nos Novos Talentos FNAC Fotografia e foi finalista no International Photography Grant na categoria de documental. Recentemente, foi seleccionado por Anthony Luvera na convocatória integrada no ciclo «Encontros do Olhar» a decorrer no IPF Porto.

Apresentou numerosos trabalhos em exposições colectivas. Expôs o seu trabalho «Yvonne» no festival Photoalicante 2020 no âmbito da exposição «Después del documento, fotografía portuguesa para la nueva década».

Actualmente, frequenta o curso Teorias da Arte Moderna e Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto enquanto está a desenvolver projectos fotográficos pessoais. Na sua prática artística, trabalha e experimenta a fotografia nas suas diferentes abordagens, formatos e materiais.

9

FRANCESCA FAULIN

Veneza, Itália, 1985

Licenciou-se em Sociologia e Comunicação Intercultural na Università degli Studi di Milano. Depois de ter trabalhado e vivido em Berlim durante seis anos mudou-se para Lisboa, onde trabalha como consultora de *marketing* digital. Completou recentemente o Master em Fotografia Artística no IPCI Lisboa.

O seu trabalho criativo centra-se na fotografia e na escrita, criando narrativas visuais e experimentando processos analógicos. Apresentou os seus trabalhos em Lisboa na Livraria Ferin, Ler Devagar e NaEsquina, auto-publicou um *zine* e tem apresentado uma maquete do seu último trabalho «Perché ti ricordi sempre».

COORDENADOR DE PRODUÇÃO

António Pedrosa

PRODUÇÃO

Instituto de Produção Cultural e Imagem

IMPRESSÃO

Lumen, Casa dos Reclamos, IPCI e artistas

EMOLDURADO

Moldarte e Arte em Acção

DIRECÇÃO DE MONTAGEM

Vitor Nieves e António Pedrosa

MONTAGEM

IPCI e Câmara Municipal de Amarante

DOCUMENTAÇÃO

Henrique Amendola, Daniel Estrela Amador
e IPCI

REVISÃO TEXTUAL

Sérgio Rodrigues

DESIGN GRÁFICO

Leonor Brochado

COMUNICAÇÃO

f/est Amarante e IPCI